

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Coro

Casa da Música

Douglas Boyd *direcção musical*

Susana Gaspar *soprano*

Robert Murray *tenor*

Andrew Foster-Williams *baixo-barítono*

19 Nov 2016

18:00 Sala Suggia

–

À VOLTA DO BARROCO

CICLO BARROCO BPI

■
Joseph Haydn

A Criação, Hob.XXI:2 (1798; c.1h45min.)

Texto de Gottfried van Swieten, versão inglesa de Mevanwy Roberts;

Tradução nas páginas 8 a 20.

O intervalo decorre na 2ª Parte da obra, após o coral “O Senhor é grande no seu poder”, n.º 19.



casa da música

MECENAS MÚSICA ORAL

Allianz 
Seguros

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

 **resco**
REDES DE ESCOLAS
DE MÚSICA DO PORTUGAL

 **REMA**
REDES DE ESCOLAS
DE MÚSICA DO ALENTEJO

 **EUROPE JAZZ NETWORK**

 **ECHO**
EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

Música sacra para um novo espaço público

Joseph Haydn (Rohrau, 1732 – Viena, 1809) trabalhou na partitura de *A Criação* entre Outubro de 1796 e Abril de 1798. Foi um período de gestação mais longo do que o usual, tanto para o próprio Haydn, como para a época. Estão documentados os sucessivos esboços e as impressões da maneira como o compositor viveu a experiência. Sabe-se, por exemplo, que confessou que o trabalho lhe tinha feito sentir a devoção mais profunda da sua vida. Manifestou ainda a consciência de estar a escrever “para a história”, uma forma de encarar a composição nova na época e que prenuncia o que se tornaria uma das tendências dominantes dos dois séculos seguintes. Podemos ler isso nas suas palavras: “empreguei muito tempo nela porque espero que permaneça por muito tempo”. Para além de tempo, Haydn aplicou também muita energia na composição da obra: após o seu termo, atingido “graças a Deus”, teve um esgotamento que piorou depois de a ter dirigido na estreia.

No que diz respeito ao libreto, a sua autoria foi inicialmente atribuída ao barão Gottfried van Swieten. Filho de um físico, foi educado pelos jesuítas e acabou a sua carreira de alto funcionário como responsável pela Biblioteca Imperial de Viena. Foi amigo e protector de Haydn, Mozart e de outros compositores contemporâneos e, como bom amador, chegou a escrever óperas e sinfonias. Esta personalidade histórica será talvez melhor lembrada se for identificada com o elegante conselheiro da corte que defende as óperas cantadas em alemão, interpretado por Jonathan Moore no filme *Amadeus* de Milos Forman. Porém, tal como as investigações de Edward Olleson e Nicholas Temperley demonstraram, *A Criação*

baseou-se num libreto anónimo escrito originalmente em inglês que foi posteriormente adaptado por van Swieten num texto bilingue. Supostamente, a primeira versão – baseada em *Paradise Lost*, de John Milton, e em livros bíblicos, nomeadamente Génesis e Salmos – foi oferecida a Georg Friedrich Händel, o qual nunca a utilizou.

O citado Nicholas Temperley foi quem destacou a ligação entre o interesse de Haydn pela oratória como género musical com a sua assistência aos grandes festivais londrinos dedicados a Händel. A experiência fez com que se lhe colocasse a possibilidade de usar o género como veículo para atingir uma ampla audiência, nas palavras do musicólogo, “uma massa maior de pessoas pertencentes à classe média que respondia, como um único corpo, à sublime e inefável música”. Aparentemente, foi o produtor de Haydn em Londres, o empresário de origem alemã J. P. Salomon, quem suscitou a ideia, propondo ao compositor o libreto que Händel tinha recusado. Isto pode explicar que, posteriormente, corresse o boato de que ponderou levar Haydn aos tribunais por ter usado, traduzido e estreado o texto em Viena sem autorização. É plausível atribuir a Salomon a ideia de transformar Haydn num segundo Händel: tê-lo-ia feito abandonar a sinfonia, iniciando-o num género que, de facto, se tornou um dos mais populares do século XIX.

A oratória foi apresentada na capital do Império austríaco em 1798, numa das salas do palácio do Príncipe Joseph zu Schwarzenberg. Sabe-se, no entanto, que o público se aglomerou na rua, sob as janelas e nas vias próximas, para a escutar. Causou também a admiração da aristocracia e foi reposta sucessivas vezes. Provavelmente, a zanga de Salomon foi a causa de só ter sido executada publicamente em Londres em Março de 1799. Ouviu-se

em Covent Garden, na versão inglesa e, para além de ser regularmente escutada na Áustria, antes da morte de Haydn circulou por diversos países europeus e também nos Estados Unidos da América.

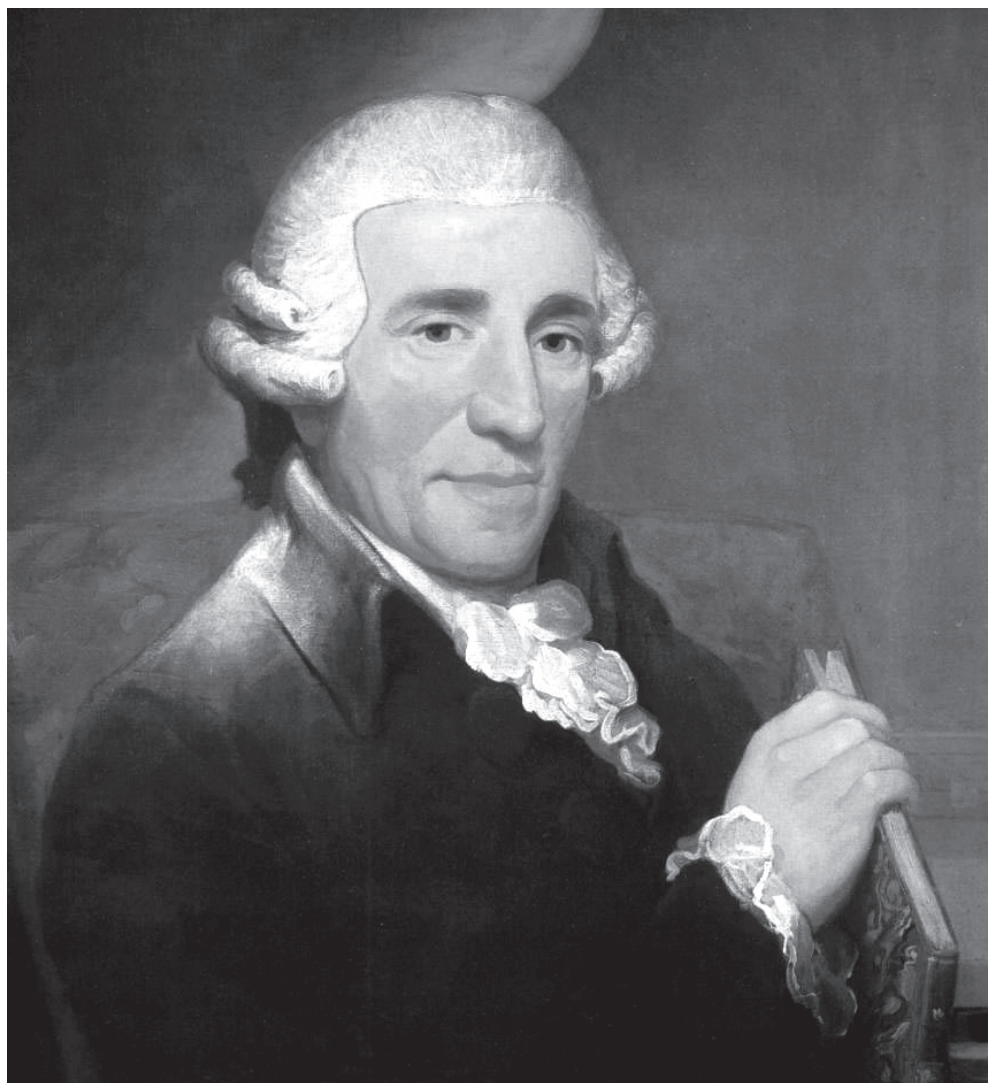
Do Caos ao Amor, representados com música

A partitura de Haydn contém toda a história da música. Podemos identificar a sua influência na obra de Mozart, Beethoven, Brahms e, inclusivamente, Messiaen, Stockhausen ou Ligeti... No sentido contrário dos ponteiros da história, Haydn olhou para atrás usando as oratórias de Händel como modelo, assim como os géneros profanos da ópera séria e da ópera bufa. Pode ser interpretada como uma metáfora do mundo completo, surgido da palavra de Deus. Isto explica-se se pensarmos que pretendia representar o acto fundacional da vida, a passagem do caos para a ordem e das trevas para a luz.

A representação do caos inicial tem motivado muitos comentários. O primeiro deles foi emitido pelo próprio Haydn, o qual o identificou com a ausência de cadências, sublinhando desta forma a sua dupla associação com a obscuridade informe e com o infinito. Autores como Charles Rosen têm defendido a aplicação da forma de sonata a este primeiro andamento lento, cuja afinidade com os que fazem parte das *Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz*, originalmente escritas por Haydn para Espanha, tem sido notada. Porém, um dos especialistas no compositor e na sua época, A. Peter Brown, defende uma tese mais interessante quando o vincula ao *ricercare*. Brown sublinha desta forma a sua função de *exordium*, desenvolvendo uma análise retórica do trecho.

A última frase merece, sem dúvida, uma explicação. Por um lado, a audição evidencia pormenores que se podem associar à ideia de desordem, própria do caos: material temático fragmentário e de contorno indefinido, escalas isoladas e arpejos que se destinam aos sopros, assim como um tipo de harmonia indefinida e a negação das expectativas cadenciais típicas do estilo clássico. Por outro lado, num plano mais profundo, também revela um andamento harmónico coerente e, sobretudo, um trabalho contrapontístico muito coeso. É possível identificar a origem do material melódico utilizado na célula inicial, constituída por um movimento intervalar de segunda menor descendente (nos violinos, compassos 2-3). Brown relaciona esta técnica com algumas das obras corais de Haydn, onde se observam as mesmas liberdades que se encontram na secção. Assinala ainda as figuras de retórica musical que aparecem no fragmento: o *exordium* é, justamente, a designação retórica da primeira parte de um discurso, a introdução ao *logos*. Haydn insiste em vários gestos associados ao patético, como por exemplo desenhos melódicos descendentes com um intervalo de quarta ou desenhos circulares truncados ou deformados, opostos ao círculo completo que simboliza a perfeição. A intervenção inicial dos primeiros violinos (compassos 2-3) pode ser uma boa ilustração.

Então chega, não apenas a luz, num dos momentos mais impressionantes de toda a história da música ocidental. O comentário de Haydn às palavras “*and there was light*” é a cadência a um sonoro acorde de Dó maior. O compositor sabia perfeitamente o efeito que esse momento iria provocar na audiência, ou pelo menos é o que se deduz da descrição feita da estreia por um dos seus amigos: “Ninguém, nem sequer o Barão van Swieten, tinha visto a página da partitura onde o nascimento da luz



RETRATO DE JOSEPH HAYDN POR THOMAS HARDY, 1781

se descreve. Foi a única passagem da obra que Haydn manteve em segredo. Quase posso ver agora a sua cara quando esta parte soava na orquestra. Tinha a expressão de alguém que está a morder os lábios, quer para ocultar o seu embaraço, quer para guardar um segredo. E no momento em que a luz rasgou o universo pela primeira vez, eu teria dito que os seus olhos ardentes lançavam raios. O encantamento dos vienenses electrificados foi tão unânime que a

orquestra não conseguiu continuar até passados alguns minutos.”

Os números vocais subsequentes podem ser divididos em três tipos principais: recitativo *secco* ou sem acompanhamento orquestral, recitativo acompanhado e árias. Há ainda alguns movimentos vocais de conjunto: um hino (n.º 28: dueto de Eva e Adão e coro) e várias partes corais. Encontramos enquadrado no primeiro tipo uma das peças mais curiosas da

partitura (n.º 29). Faz parte da terceira parte da obra, onde se celebram, no Jardim do Éden, as primeiras horas de felicidade de Adão e Eva, precedendo o dueto onde ambos se declaram amor mútuo. De carácter operático, no dito recitativo opõem-se representações musicais do masculino e do feminino. A decisão (triádica e cadencial) de Adão contrasta com a sedução (harmonicamente ambígua e muito ornamentada, inquietante reminiscência do Caos) de Eva. No entanto, esta distinção de género é apenas momentânea: no dueto que começa o número anterior, ambos adoram o Senhor em pé de igualdade, partilhando a mesma linha melódica.

Por seu turno, os recitativos acompanhados reservam-se principalmente às descrições, particularmente as da natureza (os elementos, os astros, os animais...). São exemplos os números 4, 13 e 21, os quais evidenciam particularmente a influência de Milton. Os três apresentam, aliás, exemplos de *Thonmalerey* (pintura sonora), decorando e tornando mais expressivo o libreto. As árias e os conjuntos vocais (um dueto e dois trios) são desenvolvidos a partir de modelos operáticos, mas estes são igualmente adaptados às exigências narrativas e descritivas do libreto. Assim, Haydn exibiu a sua inventiva sonora na representação das trevas, dos mares, vales, montanhas e rios ou de vários tipos de pássaros. Esta última peça (n.º 16), uma ária cantada pelo anjo Gabriel, ilustra o anúncio da criação das criaturas que voam no firmamento aberto. A águia, a cotovia, a pomba e o rouxinol são as aves escolhidas para simbolizar a sua variedade, incidindo na natureza canora das três últimas. No entanto, é a imagem do orgulhoso voo da águia em direcção ao sol aquela que inicia a peça. A seguir, é evocado o canto dos restantes pássaros: a beleza do seu canto é tratada no texto como uma reminiscên-

cia da felicidade do Paraíso, onde os lamentos não tinham lugar. Os esboços desta peça, estudados por Karl Geiringer, mostram que Haydn ponderou inicialmente a possibilidade de se servir do estilo operático napolitano, caracterizado pela sua ornamentada coloratura e que ele tinha usado vinte anos antes na partitura de *O retorno de Tobias*. Porém, a versão final da melodia, apesar dos restos do mencionado estilo, apresenta uma singeleza assombrosamente controlada. É cantada por uma soprano, correspondendo à tradição que atribuía a Gabriel uma aparência feminina.

O mencionado hino (n.º 28) tem sido desde sempre considerado o melhor andamento da obra. É o mais longo e consta de três partes. Na primeira (*Adagio*), Eva, Adão e o coro agradecem o mundo acabado de criar, num momento de devoção serena e contemplativa. A seguir (*Allegretto*), Adão e Eva, de novo com o coro, dedicam as suas alegres loas às maravilhas da criação, exortando-as a louvarem com eles o Criador. Haydn organizou esta secção central em forma de rondó com quatro temas principais, baseado num hábil plano harmónico. Finalmente, a palavra é dada aos anjos, em extática adoração. Os trechos corais deste número evidenciam a permanência do estilo mais severo, associado ao contraponto estrito e cujo modelo é Händel.

A Criação como objecto de cultura

A Criação tem provocado múltiplos discursos críticos que, a partir de diversas posições, têm sublinhado o seu valor para a cultura alemã. Na altura da sua estreia, Haydn estava na fase final do seu percurso artístico e era considerado o compositor mais importante do mundo.

Por isso, não admira que fosse logo salientado o génio do criador que luta contra o caos do material sonoro original, dando-lhe forma através da sua fantasia. A obra foi descrita como o “novo mundo no qual nada parece ser usado ou conhecido e onde tudo é fresco como o rossio da manhã”. Estes tópicos – hoje em dia tão familiares que nos parecem velhos – eram na altura novidade e revelam o processo pelo qual se fixaram na crítica alemã de fins do século XVIII e inícios do XIX. Posteriormente, sobretudo a partir da década de 30, quando a música de Haydn ficou fora de moda, difundiu-se um certo desprezo crítico em relação à obra: as suas representações sonoras começaram a parecer ingénuas e aborrecidas.

Um outro especialista em Haydn, James Webster, tem lançado uma interessante hipótese: *A Criação* seria o reflexo das discussões, recorrentes na época, em torno do conceito de sublime. O musicólogo americano argumenta que estes debates conformaram uma das correntes mais consistentes da história da composição durante os cinquenta anos transcorridos entre 1780 e 1830. O sublime – que poderia ser formulado como aquilo que excede os poderes conceptuais da imaginação – identificou-se na altura com as últimas sinfonias de Haydn e de Mozart e com as de Beethoven. O sublime musical pode ser representado, por um lado, pela uniformidade (notas solenes, pesadas, longas pausas que interrompem o desenho completo de determinado tema); por outro lado, pode ser também evocado através do excesso, da variedade, com impressões sonoras que se sucedem de forma contrastante e abrupta. O andamento inicial de *A Criação* ilustra este tipo de soluções, particularmente no momento em que surge a luz. O sublime, no sentido de majestoso, é evocado na enfática pausa final na última vez em que o trio repete a palavra

“*ever*” antes da – majestosa – entrada do coro. A conclusão da última secção da segunda parte (“*Now ended is the glorious work*”) é comparável. Aqui, a técnica produz um marcado efeito de intensidade que se acumula progressivamente. A lição foi bem aprendida por Beethoven.

O elemento religioso da obra também foi bastante discutido na altura. Para alguns críticos, na música sacra devia perdurar a severidade da música mais antiga. Essa atitude historicista tornar-se-ia predominante no século XIX. Ora a liberdade e a variedade da música de Haydn não obedecia a essa limitação. O texto verbal utilizado, por seu turno, reflecte uma religiosidade impregnada de Iluminismo. A profusão das referências à natureza e a dignidade do primeiro casal de humanos, a identificação de Deus com a luz, a bondade do mundo e a razão são alguns dos indícios que permitem afirmá-lo. A própria vivência religiosa de Haydn, pelo menos a partir dos testemunhos de amigos, era um exemplo de devoção reconciliadora e tolerante. O humanismo da obra tem sido também relacionado com a iniciação maçónica de Haydn, à qual chegou pela mão de Mozart. Esta conexão, entre aquilo que a partitura nos mostra e o ideário da loja a que ambos pertenciam, não está documentada, embora, de facto, a obra não seja incompatível com o pensamento maçónico. *A Criação* contagia, sobretudo, pelo optimismo do seu autor. Ele quis brindar-nos, com a sua música, com “um momento de paz e descanso”, para que os seus ouvintes se consolassem, nem que fosse por instantes, da miséria e da dor originadas com a perda do Paraíso. Haydn não quis contar com a sua música essa parte da história.

TERESA CASCUDO, 2009

PRIMEIRA PARTE

Introdução

1. A Descrição do Caos

2. Recitativo e Coro

RAPHAEL

In the beginning

*God created the heav'n and the earth;
and the earth was without form and void;
and darkness was upon the face of the deep.*

CHORUS

*And the Spirit of God moved upon the face of
the waters. And God said:
Let there be light! And there was light.*

URIEL

*And God saw the light, that it was good,
and God divided the light from the darkness.*

3. Ária e Coro

URIEL

*Now vanquished by the holy rays
the gloomy shades of darkness vanish;
the first of days has dawned.
Now chaos ends, and order doth prevail.
Aghast, the hosts of hell's black spirits fly;
down they plunge, engulfed in th'abyss
to endless night.*

CHORUS

*Despairing rage and terror, their furious
downfall speed. And lo, a new-born world
takes form at God's command.*

4. Recitativo

RAPHAEL

*And God made the firmament, and divided the
waters which were under the firmament from
the waters which were above the firmament.*

RAFAEL

No princípio

Deus criou o céu e a terra;
e a terra era informe e vazia;
e a obscuridade reinava sobre o abismo.

CORO

E o espírito de Deus pairava sobre as águas.
E Deus disse:
Faça-se luz! E fez-se luz.

URIEL

E Deus achou que a luz era boa,
e Deus separou a luz das trevas.

URIEL

Perante os raios sagrados, desapareceram
as sombras horríveis das trevas.
E foi o primeiro dia.
A perturbação dá lugar à ordem.
Estupefacta, a horda dos espíritos do inferno
mergulha nas profundezas do abismo,
para a noite eterna.

CORO

O desespero, a raiva e terror acompanham-
-nos, e um mundo novo surge sob a ordem
de Deus.

RAFAEL

E Deus criou o firmamento e separou as
águas, as que estavam acima e as que
estavam abaixo do firmamento.

*And it was so.
Now rage with fury storms and tempests;
Like chaff in the whirlwind fly storm-driv'n
the clouds. The sky is cleft by fiery lightnings;
tremendous, awful the thunders roll.
The floods give forth at His command the
rain, in show'rs all refreshing, the hail-storms,
all destroying, the light and fleecy snow.*

5. Soprano solo com Coro

GABRIEL

*They marvel at wondrous work with awe and
joy, the hosts celestial; and loud resounds
in angel voices the Creator's praise,
the praise of God, they praise the second day.*

CHORUS

*And loud resounds in angel voices
the Creator's praise,
the praise of God, they praise the second day.*

6. Recitativo

RAPHAEL

*And God said:
Let the waters under the heavens be gathered
together unto one place, and let the dry land
appear; and it was so. And God called the dry
land Earth, and the gathering of waters called
He Seas; and God saw that it was good.*

7. Ária

RAPHAEL

*Rolling in foaming billows unceasing roars
the boist'rous sea. Mountains and rocks now
emerging; their summits soar above the
clouds. Through plains immense and vast
broad rivers sinuous wind in flow majestic.
Gently murmur'ing, gleams and glides through
peaceful vales, the silver brook.*

E assim aconteceu. Então tempestades
furiosas desencadearam-se;
As nuvens fugiam como folhas sob o vento,
Relâmpagos atravessavam os ares, trovões
medonhos ribombavam de todos os lados.
Obedecendo à ordem de Deus, caíram
do alto as chuvas refrescantes, o granizo
devastador, a luz e flocos de neve.

GABRIEL

Com espanto e júbilo, os anjos do céu
contemplam a maravilha e as suas vozes
erguem-se num louvor ao Criador,
o louvor de Deus, o louvor do segundo dia.

CORO

E as suas vozes erguem-se
num louvor ao Criador,
o louvor de Deus, o louvor do segundo dia.

RAFAEL

E Deus disse:
que as águas se reúnam sob o céu num
lugar único e que o solo seco apareça.
E assim aconteceu. E Deus deu o nome de
Terra ao solo seco e Mar às águas reunidas.
E Deus viu que tudo estava bem.

RAFAEL

Rolando em vagas espumantes, o mar
agita-se. As colinas e os rochedos aparecem,
o cume das montanhas surge sob as nuvens.
O largo rio percorre a planície
que se estende por mil desvios.
O claro riacho escoia-se murmurando por
entre vales tranquilos.

8. Recitativo

GABRIEL

*And God said: Let the earth bring forth
grass, the herb-yielding seed,
and the fruit tree yielding fruit after his kind,
whose seed is in itself upon the earth:
and it was so.*

9. Ária

GABRIEL

*With verdure clad the fields appear,
the eye with new delight rejoicing;
and lovelier still they grow adorned
with flowers fair and gay.
Here herbs breathe forth their fragrance
sweet, here shoots the healing balm.
With golden fruit the boughs
full laden bend.*

*The vaulted groves give leafy shelter cool;
the lofty hills are clothed
in forests grand.*

10. Recitativo

URIEL

*And the heavenly hosts proclaimed the third
day, praising God and saying:*

11. Coro

*Ye harps, awake, ye lyres,
let your joyful songs resound!
Rejoice in the Lord, the mighty God;
Heaven and Earth he hath clothed in
splendour, in glorious array.*

12. Recitativo

URIEL

*And God said: Let there be lights in the
firmament of the heaven,
to divide the day from the night,
and to give light upon the Earth;*

GABRIEL

E Deus disse: que a terra produza a erva, as plantas que dão as sementes e as árvores que dão os frutos segundo a sua espécie e que tenham elas próprias as suas sementes. E assim aconteceu.

GABRIEL

Então os prados ofereceram a sua verde frescura para o prazer dos olhos. O espectáculo gracioso é enriquecido pelo doce perfume das flores. Aqui exala-se o odor das plantas balsâmicas, acolá crescem aquelas que curam as feridas. Os ramos dobram-se sob o peso dos frutos dourados.

A mata curva-se numa fresca abóbada, uma floresta espessa coroa a escarpada montanha.

URIEL

E os anjos do céu anunciaram o terceiro dia, louvando a Deus e dizendo:

Tomai os vossos instrumentos, as vossas liras, fazei soar os vossos cantos de louvor! Glorificai o Senhor, o Deus todo-poderoso que vestiu de esplendor o céu e a terra.

URIEL

E Deus disse: que haja luzes no firmamento, para separar a noite do dia e para iluminar a terra,

*and let them be for signs and for seasons,
and for days, and for years.
He made the stars also.*

13. Recitativo

URIEL

*In radiant brightness rises now the sun,
resplendent shining; Earth's rapturous
bridegroom, a giant glad and glorious,
to run his ordered course.
With lustre pale and silver shimmer,
steals the moon through silent, shadowy night.
The vast expanse of Heaven's dome glitters
and shines, adorned with countless stars;
and the sons of God proclaimed
the fourth day with holy songs of praise,
thus telling forth his pow'r:*

14. Terceto e Coro

CHORUS

*The heavens declare the glory of God.
The firmament shows forth
the wonders of his work.*

GABRIEL, URIEL, RAPHAEL

*And day unto day doth utter speech;
And night unto night doth knowledge show.*

CHORUS

The heavens declare...

GABRIEL, URIEL, RAPHAEL

*Through all the earth their word goes forth,
where his speech or language,
there their voice is heard ever.*

CHORUS

*The heavens declare the glory of God,
and the firmament shows forth
the wonders of his work,
his wondrous work.*

e que elas sejam o sinal das estações,
dos dias e dos anos.
E fez ao mesmo tempo as estrelas.

URIEL

Em pleno esplendor, o sol brilhante
lança-se agora, qual noivo triunfante,
gigante orgulhoso e alegre,
para seguir o seu caminho.
Num passo ligeiro e com uma doce claridade,
a luz desliza na noite calma.
O ouro claro das inúmeráveis estrelas
adorna a imensa abóbada celeste.
E os filhos de Deus anunciam
o quarto dia num canto celeste,
proclamando assim o seu poder:

CORO

Os céus são testemunho da glória de Deus
e o firmamento mostra
a obra das suas mãos.

GABRIEL, URIEL RAFAEL

O dia o diz ao dia que vem,
a noite que desaparece o diz à noite seguinte:

CORO

Os céus são testemunho...

GABRIEL, URIEL RAFAEL

O Verbo espalha-se pelo mundo,
por toda a parte
a sua voz é sempre ouvida:

CORO

Os céus são testemunho da glória de Deus
e o firmamento mostra
a obra das suas mãos,
o seu trabalho maravilhoso.

SEGUNDA PARTE

15. Recitativo

GABRIEL

And God said: Let the waters bring forth abundantly the moving creature that hath life, and fowl, that may fly above the earth in the open firmament of heav'n.

16. Ária

GABRIEL

*On mighty pinions upward
soars the eagle proud.
He cleaves the air
and wings in swiftest flight his way to the sun,
to the radiant sun.
A morning greeting carols gay the lark,
and loving coo and call the tender doves.
From ev'ry bush and grove trills forth with
sweetest note the nightingale her song.
Not yet did grief her heart oppress, not yet to
mourning was attuned her soft enchanting lay.*

17. Recitativo

RAPHAEL

*And God created great whales, and ev'ry
living creature that moveth. And God blessed
them, saying: Be fruitful all, and multiply!
Ye dwellers in the air, be multiplied and sing
on ev'ry tree! Multiply, ye dwellers in the
waters and fill ye ev'ry deep;
be fruitful, grow, and multiply!
Rejoice ye in the Lord your God.*

18. Recitativo

RAPHAEL

*And the angels struck their immortal harps
and sang the wonders of the fifth day.*

GABRIEL

E Deus disse: que as águas produzam um grande número de seres móveis e vivos, que os pássaros voem por cima da terra no firmamento livre do céu.

GABRIEL

Com a sua asa poderosa,
a águia lança-se orgulhosamente
e percorre os ares,
com o seu voo rápido até ao sol,
até ao sol radiante.
A manhã saúda o canto alegre da cotovia
e o terno par de pombos arrulha.
A doce garganta do rouxinol
ressoa em cada silvado.
A dor ainda não oprime o seu peito, o seu
canto melodioso não é ainda lamentoso.

RAFAEL

E Deus criou baleias e todos os seres vivos que se movem, e Deus abençoou-os dizendo: Sede fecundos, e multiplicai-vos! Habitantes dos ares, multiplicai-vos e cantai em cada ramo! Multiplicai-vos, habitantes das águas e enchei os oceanos! Sede fecundos, crescei e multiplicai-vos! Alegrai-vos no Senhor vosso Deus!

RAFAEL

E os anjos fizeram vibrar a suas harpas eternas e cantaram o milagre do quinto dia.

19. Terceto e Coro

GABRIEL

*How lovely now appear, in freshest green
arrayed, the gently sloping hills.
And welling from their sides, gush forth in
crystal flow the sparkling cooling rills.*

URIEL

*Now blithely circling play and flutter in the air,
the joyous feathered hosts.
Their glossy plumage gay a myriad hues
displays, when golden the sun light plays.*

RAPHAEL

*Swift flashing through the waters clear,
the fish dart ever to and fro in restless throngs.
From the bed of the Ocean
deep rises up Leviathan
and sports on the billow's foamy crest.*

GABRIEL, URIEL, RAPHAEL

*How many are thy works, O God?
Who can their number tell?
Who, O God?*

GABRIEL, URIEL, RAPHAEL, CHORUS

*The Lord is great and great his might, and
glorious is his Name, forever and ever more.*

GABRIEL

Em amável encanto estão, ornadas de verde
frescura, as colinas onduladas, além.
Das suas veias brota, como em fluido cristal,
o fresco ribeiro que corre.

URIEL

Pairando em alegres círculos,
balança-se no ar, o alegre bando de aves.
O brilho multicolor da sua plumagem eleva-se,
no turbilhão do voo, na luz dourada do Sol.

RAFAEL

Nas águas transparentes lança-se o peixe,
enroscando-se em volta, num tumulto sem fim.
Das profundezas do mar
eleva-se Leviathan,
sobre as vagas espumantes.

GABRIEL, URIEL, RAFAEL

Quantas são as tuas obras, ó Deus?
Quem poderá alcançar o seu número?
Quem, ó Deus?

CORO E SOLISTAS

O Senhor é grande no seu poder
e glorioso é o seu nome para sempre.

— INTERVALO —

20. Recitativo

RAPHAEL

*And God said: Let the earth bring forth
the living creature after his kind;
cattle and creeping thing,
and beast of the earth after his kind.*

RAFAEL

E Deus disse: que a terra engendre
seres vivos de todas as espécies:
gado e répteis rastejantes
e animais da terra de todas as raças.

21. Recitativo

RAPHAEL

*Straight opening her fertile womb,
the earth brought forth at God's command
creatures of every kind,
all fully grown, in countless numbers.
Contented, roaring, stands the lion there.
Here supple and lithe, the tiger appears.
Raising his antlered head speeds swift the
stag. All vigour and fire, with flying mane,
impatient neighs the noble steed.
On pastures green the cattle seek their food,
divided into herds; and o'er the meads, see
scattered far and wide the fleecy gentle
sheep. Like sand clouds whirling, in myriads
swarming, rise hosts of insects. In long
procession creep the reptile and the worm.*

22. Ária

RAPHAEL

*Now in full splendour shine the heavens;
Now robed in beauty smiles the earth.
The air is filled with flutt'ring creatures and
shoals of fish the waters are teeming;
The earth abounds with living things.
And still not all was yet achieved.
The whole was lacking still that being,
that should the works of God behold,
with thankful heart
his goodness praise.*

23. Recitativo

URIEL

*And God created Man in his own image,
in the image of God created he him.
Male and female created he them.
He breathed into his nostrils the breath of life,
and Man became a living soul.*

RAFAEL

Então abriu-se o fértil seio da terra
fazendo nascer sob a ordem de Deus
seres de todas as espécies,
inumeráveis e em pleno crescimento.
O leão levanta-se rugindo de alegria.
Flexível e ágil, o tigre aparece.
O veado, rápido, ergue as hastes
da sua cabeça. O nobre cavalo, crinas ao
vento, relincha e corre.
Nas pastagens verdes já pasta o boi,
agrupado em rebanhos. O doce cordeiro
coberto de lã passeia pelas pastagens.
A tribo de insectos espalha-se, como poeira,
num turbilhão. No solo rastejam os répteis e
os vermes em longas colunas.

RAFAEL

O céu cintila agora em todo o esplendor.
A terra resplandece em todo o seu brilho.
O ar enche-se de criaturas esvoaçantes e
cardumes de peixes engrossam as águas.
A terra está repleta de seres vivos.
No entanto, não está ainda tudo acabado.
Falta a criatura
que dará graça à obra de Deus,
que com coração agradecido
louvará o Senhor.

URIEL

E Deus criou o homem à sua imagem,
e criou-o à imagem de Deus.
E criou o homem e a mulher.
Insufiou-lhe o sopro da vida,
e o homem tornou-se uma alma viva.

24. Ária

URIEL

*Sublime, in noble dignity, with beauty,
courage, strength endowed, erect, with gaze
turned heavenwards, he stands,
a man, the King of nature's realm.
The lofty, broad, and noble brow proclaims
that wisdom dwells within,
from eyes serene and steady fast shines the
soul; his Creator's breath and image, he!
And on his breast there fondly leans,
for him and from him formed, a woman,
spouse and helpmate fair.
Her smile so soft and innocent,
of lovely spring the mirror,
betoken him love and joy and bliss.*

25. Recitativo

RAPHAEL

*And God saw everything that he had made;
and behold, it was very good;
and the heavenly choir solemnized the end of
the sixth day, thus singing aloud.*

26. Coro e Terceto

*Now ended is the glorious work;
the Lord well pleased sees all is good.
Let us rejoice and sing aloud!
The praise of God shall be our song.*

GABRIEL, URIEL

*To thee, oh Lord, all lift their eyes;
from thee, their daily bread implore.
Thou openest thy hand,
fulfilled is all their need.*

RAPHAEL

*But when thy face, oh Lord, is hid,
with trembling terror all are struck.
Dost thou withhold thy breath,
to dust they fall away.*

URIEL

Sublime, feito de nobreza e dignidade,
dotado de beleza, de força e de coragem,
erigido na direção do sol,
o homem ergue-se, rei da natureza.
A sua larga frente, arqueada, anuncia
o sentido profundo da sabedoria,
e no seu olhar claro brilha o espírito,
o sopro do criador e a sua própria imagem.
Sobre o seu peito carinhosamente se inclina,
para ele e dele formada, a mulher,
esposa e companheira graciosa e amável.
No seu sorriso tão doce e inocente,
a imagem da Primavera,
do amor, da felicidade e do encantamento.

RAFAEL

E Deus viu cada uma das coisas que tinha
criado e que tudo estava bem.
E o coro celeste celebrou o fim do sexto dia
cantando em voz alta.

A grande obra está terminada,
O Criador contempla-a e fica satisfeito.
Alegremo-nos e cantemos bem alto,
que o nosso cântico seja o louvor de Deus!

GABRIEL, URIEL

Todos te contemplam, ó Senhor.
Todos te imploram o pão de cada dia.
Se abres a tua mão,
eles serão saciados.

RAFAEL

Mas se desvias o teu rosto,
com tremendo terror todos são atingidos.
Se suspendes a respiração,
todos ficarão reduzidos a pó.

GABRIEL, URIEL, RAPHAEL

*Thy breath thou sendest forth again,
and life with vigour fresh returns.
Restored to youth and strength
new charms the earth unfolds.*

CHORUS

*Now ended is the glorious work.
The praise of God shall be our song.
Glory be to the Creator
For ever be his Name exalted;
Hallelujah.*

TERCEIRA PARTE

27. Recitativo

URIEL

*From rosy clouds softly comes,
by music awakened,
the morning young and fair.
From heaven's dome on high pure harmony
descends to earth below.
The couple blessed of God, see,
wand'ring hand in hand!
Their shining eyes bespeak the thanks
that fill their grateful hearts.
And soon in joyful strains,
they sing their Maker's praise.
Then let our voices too,
unite with theirs in song!*

28. Dueto com Coro

EVE AND ADAM

*With praise of thee, o Lord our God,
both earth and heaven ring.
This world so great, so wonderful,
thy mighty hand hath wrought.*

CHORUS

*Thrice blessed be his might and pow'r!
His praise resound for evermore!*

GABRIEL, URIEL, RAFAEL

Se respiras de novo,
uma nova vida aparece.
Toda a terra rejuvenesce e encontra
novamente o encanto e o poder.

CORO

A grande obra está terminada,
que o nosso cântico seja o louvor de Deus!
Glória ao Criador
Para sempre o seu nome seja celebrado!
Aleluia! Aleluia!

URIEL

Por entre as róseas nuvens,
despertada por doce música,
surge a manhã jovem e bela.
Da abóbada celeste uma pura harmonia
desce sobre a terra.
Vede o feliz par,
caminhando de mãos dadas!
No seu olhar brilha
um quente sentimento de gratidão.
Não tarda que cantem a plena voz
o louvor do Criador.
Que as nossas vozes se unam
para entoar o seu cântico.

EVA E ADÃO

Dos teus benefícios, ó Senhor Deus,
a terra e os céus estão cheios.
O mundo tão grande, tão maravilhoso
é obra das tuas mãos.

CORO

Bendito seja o poder do Senhor,
que o seu louvor seja eterno.

ADAM

*Of stars the brightest,
o how fair fore tellest thou the dawn!
Thou, radiant sun, thou crown'st the day,
Thou eye and soul of all!*

CHORUS

*Proclaim throughout your orbits vast,
proclaim the might of God, his glory tell!*

EVE

*And thou, fair orb, of night the solace
and all ye starry hosts,
spread wide o'er all the world his praise
in chorus sing, ye spheres!*

ADAM

*And ye, ye elements, by whose pow'r
unceasing change is wrought,
ye mists and vapours,
that the wind assembles and dispels.*

EVE, ADAM, CHORUS

*Extol ye all the Lord our God!
Great is his name, and great his might.*

EVE

*Ye murm'ring springs, o sing his praise!
Ye trees, bow down your heads!
Ye plants and herbs, ye flow'rs,
For him waft all your fragrance sweet!*

ADAM

*Ye, that tread the mountain tops,
and ye that lowly creep;
ye by whose flight the air is cleft,
and ye, in waters deep,*

EVE, ADAM, CHORUS

*Ye creatures all, extol the Lord! Praise him,
bless him, all that lives and breathes!*

ADÃO

As estrelas empalidecem.
Oh! Como é belo o anúncio do dia!
Tu, sol radiante, tu coroas o dia,
alma e olho do universo!

CORO

Proclamai sobre o vosso vasto caminho
o poder do Senhor e a sua glória!

EVA

E tu, ornamento e consolação das noites,
e todos os exércitos cintilantes,
espalhai por toda a parte os seus louvores
através do vosso canto.

ADÃO

Vós, elementos, cuja força
engendra sempre novas formas,
vós, nuvens e nevoeiro
que o vento reúne e impele:

EVA, ADÃO E CORO

Cantai todos o louvor de Deus, do Senhor;
o seu poder é tão grande como o seu nome.

EVA

Ó fontes, cantai, murmurando docemente!
Dobrai vossas cristas, ó árvores!
Plantas, espalhai os vossos perfumes;
flores exalai para ele os doces odores!

ADÃO

Vós, que atingis as alturas,
e vós que rastejais no solo,
vós cujo voo corta os ares,
e vós nas húmidas profundezas:

EVA, ADÃO E CORO

Todas as criaturas, louvai todos a Deus!
Que tudo o que respira, o louve e venerere!

ADAM, EVE

*Ye dusky groves, ye hills and dales,
our songs of thanks ye hear;
from morn till eve reecho loud
our grateful hymns of praise.*

CHORUS

*Hail, gracious Lord! Creator, hail!
Thy word alone has framed the world.
Lo, heav'n and earth thy pow'r adore,
we praise thee now and evermore.*

29. Recitativo

ADAM

*Our first great duty is fulfilled.
In worship have we thanked our God.
Now follow me, my life's companion, come!
Thy guide I'll be, and eve'ry step
awakes new joys within our breasts,
shows wonders everywhere.
Come, and thou shalt perceive
what bliss beyond compare
the Lord has granted us.
Him let us ever praise,
Serve him with heart and soul;
Come, follow me! Thy guide I'll be.*

EVE

*O thou for whom God made me!
My help, my shield, my all!
Thy will to me is law.
So has the Lord ordained!
To yield obedience, with willing heart
is my glory, is my pride.*

30. Dueto

ADAM

*Wife beloved! At thy side
gently glide the hours away.
Moment to moment adds new rapture,
not one care disturbs our bliss.*

EVA E ADÃO

Vós, sombrios bosques, vós, montes e vales,
vós testemunhas da nossa gratidão
ressoai de manhã à noite
com o nosso canto de louvor.

CORO

Glória a ti, ó Deus, ó Criador, glória!
De uma palavra tua nasceu o mundo.
A terra e o céu adoram-te,
nós te glorificamos eternamente!

ADÃO

O primeiro dever está agora cumprido.
Nós agradecemos ao Criador.
Segue-me agora, companheira da minha vida!
Eu conduzo-te e cada passo
desperta novas alegrias no nosso coração,
mostra-nos maravilhas em todos os lados.
Tu deverás então reconhecer
que felicidade inexprimível
o Senhor nos reservou!
Para sempre seja louvado;
O coração e espírito o sirvam para sempre.
Vem, segue-me, eu conduzo-te.

EVA

Ó tu, para quem eu fui criada,
meu protector, meu abrigo, meu tudo!
A tua vontade é a minha lei.
Assim decidiu o Senhor!
Obedecer-te, de todo o meu coração,
traz-me felicidade e glória.

ADÃO

Amável esposa, ao teu lado
as horas correm ternamente.
Cada instante é puro deleite,
Sem cuidados que o perturbem.

EVE

*Dearest husband! At thy side
all my heart with joy o'er flows.
See, to thee I vow all my being;
let thy love be my reward.*

ADAM

*The dew-spangled morning,
o how it quickens all!*

EVE

The coolness of evening, o how it freshens all!

ADAM

*How sweet is the savour of mellow,
golden fruit!*

EVE

*How lovely the fragrance
by blossoms shed abroad!*

ADAM, EVE

But, without thee, what is to me...

ADAM

the dewy morn,

EVE

the evening breeze,

ADAM

the mellow fruit,

EVE

the fragrant flow'rs!

ADAM, EVE

*With thee, enhanced is every joy;
with thee, twofold is all delight,
with thee, is life all bliss and happiness;
thine it all shall be.*

EVA

Caro esposo, ao teu lado
meu coração transborda de alegria.
Todo o meu ser te dedico,
o teu amor é a minha recompensa.

ADÃO

A manhã orvalhada,
ah, como ela desperta!

EVA

A frescura da noite, oh, como ela reconforta!

ADÃO

Como é deliciosa a seiva
dos frutos maduros das flores!

EVA

Quão atraente é o doce aroma
das flores!

EVA, ADÃO

Porém, sem ti, o que seria para mim...

ADÃO

o orvalho da manhã,

EVA

o hálito da noite,

ADÃO

a seiva dos frutos,

EVA

o aroma das flores!

EVA, ADÃO

Contigo eleva-se cada alegria,
contigo saboreio-a redobradamente,
contigo a vida é o deleite,
que tudo te seja dedicado!

31. Recitativo

URIEL

*O happy pair, and happy evermore,
if folly, vain mislead you not,
more to desire than ye have,
and more to know, than know ye should!*

32. Coro com solistas

*Sing the Lord, o all ye voices!
Give him thanks,
all ye his works so wondrous!
Sing his honour, sing his glory
Bless and magnify his Name!
Jehovah's praise endures for evermore.
Amen! Amen!*

URIEL

Ó par feliz, felizes sempre sereis
se nenhuma cegueira vos levar
a querer mais do que tendes
e a saber mais do que deveis!

Que todas as vozes cantem o Senhor!
Agradecemos e louvemos
a sua obra maravilhosa!
Cantemos a sua honra e a sua glória
O seu nome seja abençoado e exaltado!
O louvor de Jeová permanecerá eternamente.
Ámen! Ámen!

Tradução de Nuno Barreiros a partir da versão original alemã, gentilmente cedida pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Douglas Boyd *direcção musical*

Douglas Boyd é Director Artístico do festival Garsington Opera e Director Musical da Orquestra de Câmara de Paris. Nos últimos anos foi Maestro Titular do Musikkollegium Winterthur, Director Musical da Manchester Camerata, Maestro Convidado Principal da Sinfónica de Colorado, Parceiro Artístico da Saint Paul Chamber Orchestra e Maestro Convidado Principal da City of London Sinfonia.

Nasceu em Glasgow e estudou oboé com Janet Craxton na Royal Academy of Music em Londres, e com Maurice Bourgue em Paris. Foi membro-fundador e oboísta principal da Orquestra de Câmara da Europa até 2002, ano em que terminou a actividade enquanto instrumentista para se concentrar na direcção. Dirigiu o mesmo agrupamento em diversas ocasiões.

No Reino Unido, Douglas Boyd dirigiu todas as orquestras BBC, Orquestra Real da Escócia, Orquestra de Câmara da Escócia, London Mozart Players, Sinfónica da Cidade de Birmingham, Sinfónica de Bournemouth e Northern Sinfonia. Na Europa continental trabalhou com a Orquestra Gürzenich de Colónia, Orquestra Nacional de Lyon, Orquestra da Tonhalle de Zurique, Orquestra de Câmara da Suécia, Orquestra do Festival de Budapeste e Orquestra Mozarteum de Salzburgo, entre outras. Noutras paragens dirigiu a Sinfónica de Nagoya no Japão e as Sinfónicas de Sidney e Melbourne na Austrália. Regressou à Sinfónica de Melbourne em 2011 para apresentar a integral das Sinfonias de Beethoven, e na temporada de 2016/17 dirige os Concertos para piano de Beethoven com o solista Paul Lewis. Apresenta-se regularmente também nos EUA (Saint Paul Chamber Orchestra e Sinfónicas de Baltimore, Colorado, Dallas, Detroit, Indianápo-

lis, Seattle e do Pacífico) e Canadá (Sinfónica de Toronto e National Arts Orchestra em Ottawa).

No domínio da ópera, Douglas Boyd dirigiu *A Flauta Mágica* para a Glyndebourne Opera on Tour e *La Grotto di Tronfionio* de Salieri para a Ópera de Zurique. Em 2012/13 estreou-se na Opera North com *La Clemenza di Tito* de Mozart. Dirigiu inúmeras produções do Garsington Opera, incluindo *As Bodas de Fígaro*, *Don Giovanni*, *Così fan tutte*, *Eugene Onegin* e concertos com *Sonho de Uma Noite de Verão* de Mendelssohn com membros da Royal Shakespeare Company, e *A Criação* de Haydn com o Ballet Rambert.

A gravação dos Concertos de Bach (Deutsche Grammophon) marcou a sua estreia enquanto maestro-solista. Dirigiu a Manchester Camerata na gravação para a Avie da integral das Sinfonias de Beethoven, juntamente com a Sinfonia n.º 4 e *A Canção da Terra* de Mahler, conquistando elogios unânimes da crítica. Gravou também com a Saint Paul Chamber Orchestra (Sinfonias de Schubert) e o Musikkollegium Winterthur.

Recentemente estreou-se com as Filarmónicas de Bergen e da Hungria, Sinfónicas da Rádio Finlandesa e da Basileia, Philharmonie Zuidnederland e Orquestra de Jovens da Austrália e regressou às Sinfónicas de Detroit e Colorado.

Entre regressos a várias orquestras prestigiadas com as quais tem colaborado, os seus próximos compromissos incluem actuações na temporada de 2017 do Garsington Opera – *As Bodas de Fígaro* e uma nova encomenda a Roxana Panufnik intitulada *Silver Birch* – e naturalmente muitos concertos com a Orquestra de Câmara de Paris – no Théâtre des Champs-Élysées, na nova Philharmonie e em digressão.

Susana Gaspar soprano

Susana Gaspar estudou em Lisboa (Conservatório Nacional) e em Londres (Guildhall School of Music & Drama e National Opera Studio – Royal Opera House).

Entre os seus compromissos recentes e futuros incluem-se os papéis de Gilda em *Rigoletto* (Nevill Holt Opera), Mimi em *La Bohème* (Grange Park Opera), Filha de Podtotschina em *O Nariz* de Chostakovitch (como substituta na Royal Opera House), Primeira Ninfa em *Rusalka* (Ópera de Valladolid), e ainda a *Missa da Coroação* de Mozart, *Dettingen Te Deum* de Händel (Cadogan Hall), uma gravação de canções de Mendelssohn com Malcolm Martineau, um CD de árias e duetos com a Royal Philharmonic Orchestra e Renato Balsadonna, uma gravação de *Semiramide* com a Opera Rara, o regresso ao Royal Albert Hall para os BBC Proms 2016 e a estreia com Le Cercle de l'Harmonie sob a direcção de Jérémie Rhorer no Deauville Festival. Cantou também na Gala inaugural da temporada do Teatro Nacional de São Carlos.

No domínio da ópera apresentou-se na Hawke Bay Opera (Violeta em *La Traviata*), Teatro Nacional de São Carlos (Josephine em *Comedy on the Bridge* de Martinů, Lauretta em *Gianni Schicchi*, Vi em *Blue Monday* de Gershwin), Centro Cultural de Belém (Paride em *Paride ed Elena* de Gluck), British Youth Opera (Mimi em *La Bohème*), Grossmünster de Zurique (Dircea/Mochila em *Iphigenia en Tracia* de José de Nebra), Teatro da Trindade (papel-título em *O Príncipezinho* de Daniel Schvetz), Convento de Mafra (Eurídice em *Orfeu e Eurídice*), Royal Opera House, Covent Garden (Barbarina em *As Bodas de Figaro*, Condessa de Ceprano em *Rigoletto*, Giannetta e Adina em *L'elisir d'amore*, Primeira

Inocente em *The Minotaur* de Birtwistle, Papagena em *A Flauta Mágica*, Voz do céu em *Don Carlo*, Susanna como substituta em *As Bodas de Figaro*, Gilda em *Rigoletto*, Mimi em *La bohème*, Waldvogel em *Siegfried*, Magda em *La Rondine*, Corinna em *Il viaggio a Reims*) e Opera Rara, Linbury Theatre (*Les nuits d'été* de Berlioz, Aurore em *Le portrait de Manon* de Massenet).

Em concerto, para além de recitais com Gary Matthewman, Susana Gaspar interpretou *Rigoletto* com a Sinfónica de Londres/Gianandrea Noseda, a *Missa em Dó maior* de Beethoven com a Philharmonia Orchestra/Stephen Cleobury, *A Criação* de Haydn com a Sinfónica Simón Bolívar/Gustavo Dudamel e ainda *Les beatitudes* de César Franck e *The Spirit of England* de Elgar em Lisboa.

Em 2016, gravou o disco *Opera Classics* com Renato Balsadonna e a Royal Philharmonic Orchestra.

Robert Murray tenor

Robert Murray foi “Jette Parker Young Artist” da Royal Opera House, Covent Garden, onde se apresentou nos papéis de Tamino (*A Flauta Mágica*), Lysander (*Sonho de uma Noite de Verão*), Agenore (*Il Re Pastore*), Belfiore (*La Finta Giardiniera*), Jacquino (*Fidelio*) e Don Ottavio (*Don Giovanni*). Apresentou-se também na Opera North, Garsington Opera, Ópera Nacional de Gales, Ópera Norueguesa, Ópera Estatal de Hamburgo e Festival de Salzburgo. É convidado regular da English National Opera.

Em concerto, Robert Murray interpretou a *Missa em Dó menor* de Mozart com a Sinfónica Cidade de Birmingham/Sir Charles Mackerras e com Le Concert D'Astrée; *Requiem* de

Guerra de Britten com Simone Young e *Our Hunting Fathers* de Britten com Thomas Adès no Festival de Aldeburgh; *Elektra* de Strauss com a Orquestra Nacional Real Escocesa e Edward Gardner; *Manfred* de Schumann com a Sinfónica Escocesa da BBC e Ilan Volkov no Festival de Edimburgo; e *Tristão e Isolda* com a Filarmónica de Roterdão e Valery Gergiev. Em recital apresentou-se no Wigmore Hall (Londres) e nos festivais de Newbury, Two Moors, Aldeburgh e Brighton.

A vasta discografia de Robert Murray inclui uma participação na integral das canções de Poulenc pelo pianista Malcolm Martineau (Hyperion), um recital de Brahms, Poulenc e Barber com Simon Lepper para o programa “Voices” na BBC Radio 3, bem como uma gravação aclamada de *Die schöne Müllerin* com o pianista Andrew West (Stone Records).

Entre os momentos altos mais recentes da sua carreira inclui-se a digressão com *Messias* ao lado da Academy of Ancient Music; *A Criação* de Haydn com a Orquestra Simón Bolívar/Gustavo Dudamel e com a Sinfónica de Londres/Edward Gardner; e *Written on Skin* no Lincoln Center com Alan Gilbert dirigindo a Mahler Chamber Orchestra. Nesta temporada regressa à English National Opera (*Partenope*), ao Garsington Opera (*Semele*) e ao Festival de Edimburgo (*Peter Grimes*), e apresenta-se em concerto com a Sinfónica de Gotemburgo/Simone Young, Filarmónica de Bergen/Edward Gardner, Sinfónica Cidade de Birmingham/Nicholas Collon e Orquestra da Konzerthaus de Berlim/Paul McCreesh.

Andrew Foster-Williams *baixo-barítono*

Andrew Foster-Williams goza de uma vibrante carreira na ópera e em concerto, e é dotado de uma versatilidade vocal que lhe permite interpretar um repertório muito vasto, desde Bach, Gluck, Händel e Mozart até à música mais recente de compositores como Britten, Debussy, Stravinski e Wagner.

A sua carreira foi inicialmente assente na sua sólida formação no repertório barroco, mas nas temporadas mais recentes encontrou uma nova direcção dramática com papéis como Pizarro em *Fidelio* no Theater an der Wien e Philharmonie de Paris, e com uma estreia unanimemente aclamada enquanto Telramund em *Lohengrin* de Wagner sob direcção de Yannick Nézet-Séguin no Festival de Lanaudière. A sua reputação operática subiu consideravelmente com o papel de Capitão Balstrode na nova produção de *Peter Grimes* por Christoph Loy no Theater an der Wien, a par das interpretações aclamadas enquanto Nick Shadow (*The Rake's Progress*), Donner (*O Ouro do Reno*), Golaud (*Pelléas et Mélisande*) e Gunther (*Crepúsculo dos Deuses*). O seu talento dramático valeu-lhe o respeito de muitos dos mais prestigiados encenadores.

Andrew Foster-Williams é convidado regularmente para actuar nos principais palcos com orquestras e maestros de renome, destacando-se a Orquestra de Cleveland/Franz Welser-Möst, Orquestra Mozarteum de Salzburgo/Ivor Bolton, Sinfónica de São Francisco/Michael Tilson Thomas, Orquestra do Concertgebouw/Richard Egarr, Filarmónica de Hong Kong/Edo de Waart e Sinfónica de Londres/Sir Colin Davis.

O vasto repertório de concerto de Andrew Foster-Williams inclui as *Paixões segundo São Mateus* e *São João* de Bach, *Um Requiem Alemão* de Brahms, *Nona Sinfonia* de Beethoven, *Requiem de Guerra* de Britten, *As Estações* de Haydn, *Missa Glagolítica* de Janáček, *Oitava Sinfonia* de Mahler, *Elijah* de Mendelssohn e *Belshazzar's Feast* de Walton.

A sua extensa discografia inclui a *Cantata pela Morte do Imperador José II* de Beethoven com a Sinfónica de São Francisco e Tilson Thomas (SFMSMedia), *As Estações* com a Sinfónica de Londres e Sir Colin Davis (LSO Live) e, mais recentemente, *HMS Pinafore* com a Orquestra da Ópera Escocesa e Richard Egarr (Linn). Em DVD, gravou *The Fairy Queen* no Festival de Ópera de Glyndebourne, vencedor de um Gramophone Award.

Na presente temporada, Andrew Foster-Williams canta o papel-título em *Les voyages de Don Quichotte* na Ópera de Bordéus, para assinalar o 400º aniversário da morte de Cervantes, com música seleccionada de Massenet, Ravel e Falla. Canta ainda a *Paixão segundo São João* com a Orquestra de Cleveland dirigida por Franz Welser-Möst, e o papel de Escamillo numa nova produção de *Carmen* encenada por Kasper Holten no lago do Festival de Bregenz.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Leopold Hager, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski,

Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vasily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Ana Bela Chaves, Sequeira Costa, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Cyprien Katsaris, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Simon Trpčeski ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann, a que se juntam em 2016 os nomes de George Aperghis e Heinz Holliger.

Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsuk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014,

a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor. Em 2016 apresenta uma nova encomenda a George Aperghis em estreia nacional e as integrais das Sinfonias de Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto. Actualmente engloba um número permanente de 94 instrumentistas e é parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Coro Casa da Música

Paul Hillier *maestro titular*

Desde a sua fundação em 2009, o Coro Casa da Música foi dirigido pelos maestros James Wood, Simon Carrington, Laurence Cummings, Andrew Bisantz, Kaspars Putniņš, Andrew Parrott, Antonio Florio, Christoph König, Peter Rundel, Robin Gritton, Michail Jurowski, Martin André, Marco Mencoboni, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Gregory Rose, Takuo Yuasa e Nicolas Fink, para além do seu maestro titular, Paul Hillier. Eclético no seu repertório, o Coro é constituído por uma formação regular de 18 cantores, a qual se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados.

Colaborou com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música na interpretação da *Missa em Dó menor* de Mozart, *O Cântico Eterno* de Janáček, a Sinfonia Coral de Beethoven, o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo, o *Requiem Alemão* de Brahms, a 3ª Sinfonia de Mahler, o *Messias* de Händel, o *Te Deum* de Charpentier, a *Oratória de Natal*, o *Magnificat* e Cantatas de Bach, a *História de*

Natal de Schutz, o *Te Deum* de António Teixeira e o *Requiem* de Verdi.

Na temporada de 2016, o Coro Casa da Música volta-se especialmente para a música russa, interpretando as *Vésperas* de Rachmaninoff, o *Requiem* de Schnittke, o *Cântico do Sol* de Gubaidulina, obras *a cappella* da Corte de Catarina, a Grande, e grandes obras corais sinfónicas de Prokofieff e Chostakovitch.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza (Espanha), no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tenso Days em Marselha, nos Concertos de Natal de Ourense e em várias salas portuguesas.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Violino I

Martyn Jackson*
José Pereira*
Radu Ungureanu
Emília Vanguelova
Vladimir Grinman
Vadim Feldblioum
Tünde Hadadi
Ianina Khmelik
Roumiana Badeva
Andras Burai

Violino II

Tatiana Afanasieva
José Paulo Jesus
Lilit Davtyan
Pedro Rocha
Paul Almond
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Ana Madalena Ribeiro*

Viola

Mateusz Stasto
Joana Pereira
Anna Gonera
Emília Alves
Hazel Veitch
Jean Loup Lecomte

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Sharon Kinder
Gisela Neves
Hrant Yeranosyan

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók

Clarinete

Luís Silva
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Vasily Suprunov
Robert Glassburner

Trompa

Luís Duarte Moreira*
José Bernardo Silva

Trompete

Ivan Crespo
Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
Tiago Nunes*
Nuno Martins

Tímpanos

Nuno Simões

Pianoforte

Luís Duarte*

*instrumentistas convidados

Coro Casa da Música

Sopranos

Ângela Alves
Eva Braga Simões
Leonor Barbosa de Melo
Joana Pereira
Rita Venda
Carla Pais
Luísa Barriga
Cristina Pamplona
Teresa Milheiro
Mariana Sant'Ana
Bárbara Luís
Sara Cruz e Silva
Ana Isabel Pereira
Heloísa Simões

Contraltos

Ana Calheiros
Brígida Silva
Iris Oja
Joana Valente
Nélia Gonçalves
Maria João Gomes
Joana Guimarães
Gabriela Simões
Bernardete Felisberto
Sara Cláudio
Neuza Talhão
Andreia Tiago
Francisca Marques
Ângela Felisberto
Ana Castelo
Ana Isabel Almeida

Tenores

Almeno Gonçalves
André Lacerda
Luís Toscano
Vitor Sousa
Gonçalo Faria
Miguel Leitão
Bernardo Pinhal
Sérgio Martins
Gerson Coelho
Pedro Silva Marques
Fábio Borges
Carlos Ferreira
João Paulo Ventura
Gabriel Santos
José Carlos Mateus
Tiago Oliveira

Baixos

João Barros Silva
Luís Rendas Pereira
Nuno Mendes
Pedro Guedes Marques
Ricardo Torres
Ricardo Rebelo da Silva
André Carvalho
Carlos Meireles
Francisco Correia Gomes
Mário Pimentel
Carmino de Carvalho
Pedro Soares
Tiago de Sá
André Pinto
Nuno Ilharco Gonçalves



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

MDS Global Insurance
& Risk Consultants

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

